




CARREIRA MÉDICA, PRESTÍGIO E PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE NO OITOCENTOS. O CASO DO DR. ERNESTO MENDO (ESPÍRITO SANTO, 1860-1895)

MEDICAL CAREER, PRESTIGE AND SOCIABILITY PRACTICES IN 1800s. THE CASE OF DR. ERNESTO MENDO (ESPÍRITO SANTO, 1860-1895)

Sebastião Pimentel Franco *

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Faculdade Vale do Cricaré – FVC

 <https://orcid.org/0000-0002-9045-0763>

sp.franco61@gmail.com

André Luís Lima Nogueira**

Faculdade Vale do Cricaré – FVC

 <https://orcid.org/0000-0003-2160-4279>

guazo08@gmail.com

RESUMO: O presente artigo objetiva, com base em um estudo de caso, discutir as relações de sociabilidade e afirmação de prestígio social que envolviam a carreira médica na segunda metade do século XIX. Para isso, discutiremos as ações e inserções do dr. Ernesto Mendo, que ocupou uma série de cargos, destacadamente o de professor do Liceu, Inspetor de Higiene Pública, médico da Santa Casa da Misericórdia de Vitória, dentre outros. Além disso, o dr. Mendo se envolveu com a política local, clubes abolicionistas e literários, etc. Assim, propomos reflexões que transitam das práticas médicas às relações com os círculos de poder e da alta sociedade capixaba de fins do oitocentos, com base, fundamentalmente, nos periódicos que circulavam na Capital. Para esta abordagem, lançamos mão de uma metodologia que se aproxima de questões pertinentes à História da Medicina, a exemplo dos conceitos de “estilo de pensamento” e “coletivo de pensamento” desenvolvidos por L. Fleck (2010[1935]), e a ideia de “enquadramento da doença” (“framing disease”) de C. Rosenberg (1992).

* Professor do Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré e Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo, onde atual no Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas. É doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Pós Doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

** Professor do Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré.

PALAVRAS-CHAVE: Profissão médica, Sociedade oitocentista; História do Espírito Santo.

ABSTRACT: This article aims, based on a case study, to discuss the relations of sociability and the social prestige that stemmed from the medical career in the second half of the 19th century. For this, we will examine the actions and insertions of Dr. Ernesto Mendo, who held a series of positions, notably as a teacher at the Lyceum, as the Inspector of Public Hygiene and as a physician at the Santa Casa da Misericórdia de Vitória hospital, among others. In addition, Dr. Mendo got involved with local politics, with abolitionist and literary clubs. Thereby, we propose reflections that move from medical practices to relations with the circles of power and of the high society in the state of Espírito Santo in the late 18th century, based, fundamentally, on the periodicals that circulated in the capital city. For this approach, we use a methodology that approaches issues pertaining to the History of Medicine, such as the concepts of "style of thought" and "collective of thought" developed by L. Fleck (2010[1935]), and the idea of "framing disease" by C. Rosenberg (1992).

KEYWORDS: Medical profession, 18th century Society, History of the State of Espírito Santo.

Faleceu na cidade de Victoria, o Dr. Ernesto Mendo, de 60 anos, natural da Bahia, médico que residia na Vitória, capital do Espírito Santo, desde 1860. Exerceu diversos cargos de eleição popular e nomeação do governo e ultimamente ocupava o lugar de Inspetor de Higiene do Estado. Era um coração puro e aberto à inspiração, médico de talento e tino, dedicado em extremo à pobreza e as classes menos favorecidas o tiveram sempre, ao seu lado. Morreu pobre, deixando viúva. A capital do Estado sente muito tamanha perda. (COMÉRCIO DO ESPÍRITO SANTO, 13 jan. 1895, f. 1).

Extingui-se para sempre o foco de luz que irradiava as potências mentais de um cérebro vulcânico nas evoluções do mais ousado pensamento!... Dilataram-se as crateras, que não mais podiam conter os aluviões revoltos e as lavas subiam amoladas desconhecidas!...

[...] Pranteia a perda do benemérito da pobreza sua esposa estremecida e seus adorados filhos. Sua perda abre uma lacuna que não é impossível preencher porque os sentimentos de caridade não fenecem com a morte de um de seus cultores mais desvelados, mas todos que conheciam seu devotamento, os pobres e amigos que experimentaram os carinhosos afetos do médico dedicado até o extremo, hão de recordar-se sempre e com saudade do Dr. Ernesto Mendo.

Bem moço veio a esta terra e na medida de sua atividade e aptidões, ocupou diversos cargos públicos, uns por nomeação outros eletivos, e sempre que teve a oportunidade sentia-se bem, tinha satisfação em asseverar,

com todas as vesces de sua alma, que amava como devem amá-la os que nela tiveram o berço. (ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 3 jan. 1895, f. 1).

Desta vez, começemos pelo fim. No dia 13 de janeiro – aproximados dez dias depois de sua morte – fora desse modo que o “Comércio do Espírito Santo” teceu o elogio fúnebre do ilustre médico Ernesto Mendo, do mesmo modo, anteriormente, o *Estado do Espírito Santo* publicara na íntegra o discurso do Padre Antunes de Siqueira, quando de seu sepultamento. Os veículos não pouparam predicados como “coração puro e aberto à inspiração”, “médico de talento e tino”, “cérebro vulcânico nas evoluções do mais ousado pensamento!”, para corroborar a construção da imagem de um médico dedicado, abnegado e competente, sublinhando ainda seu incessante zelo e assistência “às classes menos favorecidas”. Aliás, entre os muitos títulos, cargos e epítetos que cercavam nosso doutor Mendo um era especialmente recorrente e, nos parece, autodenominado, ou, ao menos, manipulado por ele de modo deliberado e recorrente: o de “médico dos pobres”.

Os jornais do oitocentos eram pródigos em veicularem matérias demonstrando sentimento e luto com a ocorrência da morte de alguns personagens que marcaram a vida da cidade. As notícias veiculadas pelos jornais, carregadas de emoções e de dor, nos permitem saber muito sobre não somente a vida do personagem, mas também sobre política local, aspectos importantes das relações sociais. Segundo Rosenwein (2011), essas exaltações pelo passamento do morto tinham motivações claras e diretas, por parte dos redatores dos jornais, no intuito de mostrar o local social do indivíduo e, por sua vez, evidenciar sua importância dentro do grupo social a que pertencia.

Assim, o presente texto, a partir do estudo de caso do doutor Mendo, que atuou na província do Espírito Santo por cerca de três décadas na segunda metade do oitocentos, objetiva discutir a afirmação da medicina douda – ainda em vias de institucionalização e de convencimento de suas práticas e percepções da doença e da cura (FERREIRA, 2003; SAMPAIO, 2001; EDLER, PIRES-ALVES, 2018) – e a inserção de seus agentes na “boa sociedade” dos espaços onde atuavam. O caso aqui exposto nos parece interessante por se tratar de um médico fora dos circuitos da corte do Rio de Janeiro, onde as tensões e afirmações sociais e políticas de uma “elite médica” se fizeram de modo mais visível (FERREIRA, 1994; EDLER, 2011).

Como veremos, durante sua vida o dr. Mendo atuou ativamente e com destacado prestígio em esferas tão diversificadas como a política partidária da província, clubes abolicionistas, sociedades literárias, irmandades religiosas, cargos ligados ao magistério e à

instrução, entre outros. Isso sem contar, por óbvio, com sua inserção – pública e privada – como médico.

Contudo, para iniciarmos, cabe uma ressalva crucial: a despeito da importância e possibilidades analíticas dos estudos biográficos e de trajetórias, consagrados na produção historiográfica de diferentes matizes, frisamos que não buscamos aqui propriamente uma biografia do dr. Mendo.

Assim, para indagarmos acerca de suas práticas e conhecimentos médicos e como tais se converteram em prestígio e visibilidade social, lançamos mão de questões tratadas pela história da medicina, especialmente o conceito de “enquadramento das doenças” desenvolvido por Charles Rosenberg (1992). Aqui nos interessando, em especial, as reflexões do autor de como os saberes médicos impactavam em percepções e ações em torno dos corpos e dos espaços nos quais os mesmos estavam inseridos, uma vez que no “enquadramento” de diversas doenças estariam em jogo explicações de caráter “transcendental” e “moral” (para usarmos seus termos) que, não raro, descambavam em discursos e ações/intervenções sociais das camadas médicas.

Do mesmo modo, nos parece aqui bastante útil os conceitos de “estilos de pensamento” e “coletivo de pensamento” desenvolvidos na obra pioneira de Ludwik Fleck (2010[1935]), uma vez que determinadas formas de conceber o conhecimento médico nas últimas décadas do século XIX, bem como as estratégias de afirmação da medicina doutra, acabariam influenciando diretamente na inserção social dos mesmos – dentro e fora dos circuitos mais estritamente científicos e profissionais –, bem como, delimitando termos e conteúdos de disputas e controvérsias entre esses agentes e seus saberes. Muitas vezes, aliás, escancarados à esfera pública por meio dos jornais da época.

Conforme mencionado, no decorrer dos aproximados 35 anos radicados na província do Espírito Santo, após ter se graduado na Faculdade de Medicina da Bahia, no ano de 1859, Ernesto Mendo acumulou uma série de cargos políticos, participação em sociedades civis e religiosas, angariando respeito e distinções sociais típicas de uma sociedade de corte (SCHWARCZ, 1999). Nesse sentido, atuou como professor de História e Geografia do “Liceu Provincial”, única escola secundária da Província. Tal passagem como professor deve ter ajudado para que fosse escolhido, anos mais tarde, Inspetor Geral da Instrução Pública no Espírito Santo.

Talvez a opção por assumir o aludido cargo tenha se concretizado pelas suas qualificações como pontuou o jornal *O Espírito Santense*¹, dizendo “O Dr. Ernesto Mendo é possuidor de vasta instrução, muita leitura e não comum talento, prestará sem dúvida não pequenos serviços à província. A nomeação de sua Excia. Não poderá recair em melhor cidadão” (8 fev. 1876, f. 2), ou como pontua Edmundo Campos Coelho (1999, p. 88), “[...] a maioria dos médicos não se elevava por sua condição material acima da ‘multidão’ e que muitos metiam-se em outras atividades para garantir seu sustento”. Muitos são os fatores que poderiam explicar tal realidade: a já citada medicina douta estava em vias de institucionalização; havia diferentes concepções de corpo, de cuidados e de terapêutas no curso do oitocentos, que, muitas vezes concorriam com os médicos formados; os preços dos honorários nem sempre cabiam no bolso de boa parte da população, etc. Com isso, muitas vezes o tempo de permanência nos consultórios privados era bastante reduzido. Em um anúncio, por exemplo, datado de 5 de novembro de 1884 e feito a pedido do médico aqui estudado no jornal *A Província do Espírito Santo*, na coluna Indicador Popular, informava que atendia apenas das “6 as 8 da manhã e das 10 às 13 horas” (f. 4).

Assim, presumivelmente, o dr. Mendo precisaria complementar sua renda somando sua prática médica com a atividade docente para incrementar seu orçamento. O exercício da medicina, atendendo em consultório particular não devia, neste momento, lhe possibilitar viver exclusivamente dessa atividade, pois, como visto, sua clínica particular era executada em apenas poucas horas do dia, com o consultório funcionando em sua casa, realidade, aliás, comum aos médicos no período em tela. Seja como for, assumiu o cargo de professor de forma interina em 14 de novembro de 1876 (*O ESPÍRITO SANTENSE*, 7 nov. 1876, f. 1) e lá permaneceu até o ano de 1885 (*O ESPÍRITO SANTENSE*, 14 nov. 1885, f. 2).

Outras atividades ligadas ao Estado foram ainda exercidas por Ernesto Mendo. A notícia veiculada no jornal *A província do Espírito Santo*, mostra-nos o quanto estava enfronhado no mundo da política candidatando-se a um cargo legislativo: “Consta-nos que o Partido conservador pretende sustentar na próxima eleição provincial, além de outros nomes os de Dr. Ernesto Mendo[...]” (9 nov. 1883, f. 2).

Sabemos que o mesmo já tinha sido eleito anteriormente deputado provincial, entre 1868-1869, conforme noticiou *O Espírito Santense* (9 nov. 1883, f. 2). Ao publicar a

¹ Por questões de espaço, não conseguiremos tecer aqui uma discussão mais robusta sobre os jornais do oitocentos e seus diversos interesses editoriais que conduziam a publicação das notícias. Para uma discussão acerca desses veículos e como moldavam a opinião pública no período estudado, conferir entre outros autores: Martins (2008) e Morel (2007; 2008)

listagem de cidadãos que teriam exercido o mandato legislativo entre 1835 e 1877, o referido jornal informa que Mendo teria tomado parte nos trabalhos da Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo, como membros de número no período de 1868-1869, ou seja, exerceu a função de Deputado (3 mai. 1879, f. 1).

Ocupou ainda o cargo de Juiz de Paz da paróquia de Vitória, conforme noticiou o jornal *O Espírito Santense*. Mendo, por meio do jornal diz que faz:

[...] saber que tendo sido nula a junta de finalização de votantes desta paróquia, por ato do vice presidente da província de 19 corrente e tendo sido pela mesma presidência designado o dia 29 do corrente para formação da nova junta, convoco portanto, aos srs eleitores e suplentes abaixo declarados a fim de comparecerem no consistório. (25 mai. 1871, f. 2).

Se a atuação ativa de Mendo lhe abriu portas para participar do poder a nível local, lhe trouxe, ainda, alguns dissabores. Encontramos na documentação coligida informações importantes sobre as contendas políticas nas quais se envolveu, sobretudo com adversários políticos do Partido Liberal, sendo ele ligado ao Partido Conservador. Mendo, entretanto, parece-nos, sabia utilizar a seu favor as benesses do poder. Prova disso encontramos em disputas políticas quando de sua nomeação de médico de partido da Câmara municipal de Vitória. Mendo, frente à contestação da sua indicação para o cargo, recorreu ao vice-presidente da província, seu aliado de partido, para tentar garantir sua permanência, o que provocou uma grande contenda com a Câmara Municipal, vejamos o caso:

Foi ontem conhecido pela Câmara Municipal o teor da resolução pela qual o Cel. Mascarenhas, vice presidente da província em exercício, mandou aquela corporação que dispensasse o seu médico de partido para prover no cargo o Inspetor de higiene Provincial, Ernesto Mendo de Andrade e Oliveira.

Esta resolução está assim redigida:

n. 86 1 secção- Resolução

O vice-presidente da província atendendo a nova reclamação do Dr. Ernesto Mendo de Andrade e Oliveira, Inspetor de Higiene Pública, constante do ofício de 12 do corrente mês, solicitando a nomeação de médico de partido da Câmara Municipal desta capital como determina o art. 2 & 1 da lei de 20 de dezembro do ano próximo passado, cuja disposição a referida câmara por falta de cumprimento de deveres tem deixado de cumprir, mandou na mesma data ouvir-me na forma da lei a mesma câmara a respeito. Entretanto, por ofício de 16 do sobredito mês sustentando ela a omissão daquele dever, considera incompatíveis as acumulações dos indicados empregos e conclui por julgar assim prejudicada a reclamação do recorrente. Cumprindo, pois, tomar conhecimento de tão grave assunto, tanto mais quando são as Câmaras

municipais corporações meramente administrativas, sujeitas ao governo da província e responsáveis os seus membros, como empregados públicos não privilegiados, perante o juiz de direito da respectiva Câmara (?) por prevaricação, abuso e omissões de seus deveres, conforme o título 5 do código criminal, resolve dar provimento ao recurso interposto, para o fim de ser nomeado o recorrente para o referido lugar, em observância do estado 7 1. Comunique-se Palácio do Governo 20 de maio de 1887. Manoel Ribeiro Coutinho Mascarenhas. (A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO, 29 mai. 1887, f. 2).

A contenda não parou por aí. A Câmara Municipal retrucou a decisão do governo provincial, mas, ao final, Mendo se manteve no cargo apoiado pelo governante do seu partido. Parece-nos que Mendo tinha forte ascendência sobre o vice-presidente provincial, pois em 1887, fora nomeado ainda para o cargo de procurador fiscal do tesouro provincial, sofrendo, aliás, ácidas críticas por sua “incompatibilidade” com a função, conforme vemos publicado no jornal *A Província do Espírito Santo*:

Por ato de 7 deste mês, foi nomeado Ernesto Mendo Inspetor de higiene, para exercer interinamente o cargo de procurador fiscal do tesouro provincial. Não há lei possível que obste as arbitrariedades do vice-presidente da província. Acreditamos que sua excelência ignora o que seja incompatibilidade. (10 jul. 1887, f. 1).

A nos dar mostras, ainda, de sua circulação e status social em Vitória, o médico fazia parte de associações como a Sociedade Abolicionista do Espírito Santo, primeira sociedade abolicionista local, fundada em 1869, juntamente com Clímaco Barbosa, José Correa de Jesus, ambos bacharéis em Direito e José Feliciano Muniz Freire, proprietário de jornal e engenheiro, figuras de destaque da boa sociedade da Província. Em 1877, em um anúncio intitulado *Em Prol da Liberdade*, publicado pelo jornal *A Província do Espírito Santo*, verifica-se que Mendo, por meio da Irmandade de São Benedito do Rosário, participou da criação de uma outra sociedade beneficente. Essa tinha o fim especial de reunir os seus associados, que estivessem no regime de escravidão, tendo sido Ernesto Mendo nomeado para compor uma comissão para confeccionar os seus Estatutos (27 mai. 1887, f. 2).

Aliás, três anos antes, *A Folha da Vitória* publicaria mais uma notícia em tom laudatório das investidas – pessoais e coletivas – do dr. Mendo contra a escravidão, desta vez, tendo o nosso médico garantido a liberdade de uma de suas escravizadas:

No dia 3 do corrente, Benedicta, escravizada do Dr. Ernesto Mendo, viu partirem-se as cadeias que a prendiam ao cativoiro, pela ação generosa daquele doutor que por esta forma retribuiu-lhe os estremados cuidados e desvelos que a cercava a gentil menina América que fez enlevos de seus extremosos pais. Ao recebermos da interessante menina a comunicação desse ato generoso, parecia até que ela experimentava o doce efeito que

deveria arrancar lágrimas de satisfação da redimida, que velara-lhe tantas vezes o berço, e ainda ontem punha em boa ordem os seus brinquedos infantis.

O Dr. Ernesto, *suscetível sempre desses atos de abnegação e caridade*, reúne mais este a muitos fatos que revelam a boa índole e generosos sentimentos de sua alma. (A FOLHA DA VITÓRIA, 5 out. 1884, f. 2 – *grifo nosso*).²

Outro dado a corroborar o reconhecimento e prestígio social do dr. Mendo, e que aproximados cento e cinquenta anos depois pode nos parecer quase pitoresco, é o uso de seu nome (persona?) em anúncios comerciais. Assim, em uma *Publicação a Pedido*, uma casa comercial da Capital publicara o “exame químico” realizado pelo dr. Mendo para aferir a qualidade do vinho que era por ela vendido:

Ilm. Sr. – Em resposta a sua carta supra, cumpre-me dizer-lhe que as amostras de vinho, que por v.s. me foram enviadas para sobre elas proceder exame químico, são de vinhos puros; refiro-me não só as duas qualidades de vinhos tintos, como a do vinho do Porto. Pode desta carta fazer o uso que entender. (A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO, 19 out. 1884, f. 4).

Não se pode perder de vista que a inserção de médicos em cargos públicos, em sociedades literárias e em pró-abolição, e em irmandades religiosas, conferindo-lhes respeito e visibilidade social, não seria exclusividade do Dr. Mendo ou da província do Espírito Santo. Diversos autores têm apontado tais inserções dos médicos, em especial, no curso da segunda metade do oitocentos. Sendo considerados figuras importantes nas localidades onde atuavam, em geral por sua reconhecida erudição, amor às artes, abnegação em cuidar dos pobres, etc. Sem contar que à frente de cargos relacionados à higiene pública, produziam discursos e ações que impactavam no comércio, na configuração e reformas nas urbes, nos hábitos da população, dentre outros vetores (COELHO, 1999; CHALHOUB, 1996; FIGUEIREDO, 2002; MAGALHÃES, 2016).

Seja como for, eram, no entanto, suas múltiplas ações como médico que, sem dúvidas constituíram de modo mais forte a inserção do dr. Mendo na (boa) sociedade capixaba, além de, igualmente, forjarem sua memória à posteridade. Afinal, foi como médico, que este conseguiu se projetar na cidade de Vitória, podendo a partir de sua atuação nessa área granjear a simpatia de muitos e tornar-se uma figura influente na cena política.

Instalado em Vitória já há aproximados vinte e cinco anos, o dr. Mendo atendia em consultório privado no seu endereço residencial, no Largo de Pedro Palácios, n. 22. O

² Para outra notícia de alforria de seu plantel, conferir *O Espírito Santense* (22 mai. 1878. f. 2).

lugar achava-se em um quadrante nobre da Capital, próxima ao Palácio do Governo, conforme encontramos em um de seus muitos anúncios publicados: “[...] médico operador e parteiro [...] aceita chamados a qualquer hora para fora e dentro da capital” diz ainda que, “Dá consultas das 6 às 8 da manhã e das 10 às 13 [...]” (A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO, 5 jan. 1884, f. 4).

Sabemos pouco sobre sua clínica particular, apesar do anúncio mencionar que as consultas deveriam ser pagas à vista no seu consultório, encontramos em diversos momentos o médico recorrendo aos jornais para conclamar que seus pacientes pagassem os serviços médicos fiados, aliás, prática comum no oitocentos, conforme anúncio por ele publicado no dia 4 de março de 1884 no *A província do Espírito Santo*, convocando os “ilustres cavaleiros” a pagarem os serviços médicos pendurados do mês anterior:

O Dr. Mendo de Andrade roga aos ilustres cavaleiros a quem tem enviado as contas de seus honorários médicos, datadas até 29 de fevereiro último, o especial favor de as mandar satisfazer afim de que possa por sua vez dar cumprimentos a seus deveres. (A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO, 4 mar. 1884, f. 4).

É possível observar ainda no anúncio, a vontade de sublinhar suas especialidades médicas de “operador e parteiro”, em um momento em que ocorriam, além de uma série de disputas profissionais e iniciativas – nem sempre bem sucedidas – de institucionalização da medicina douta no Império (SAMPAIO, 2001; XAVIER, 2003; PIMENTA, 2004; FERREIRA, 2003), um paulatino e sinuoso processo de segmentação e especialização dos saberes e ações médicas, sobretudo no curso da segunda metade do oitocentos (EDLER, 2014, p. 85 e segs; WEISZ, 2003). Como será discutido mais adiante, sua expertise como “operador” fora um dos principais elementos na conformação da fama pública do dr. Mendo como médico de “talento e tino” como aparece em seu obituário.

Ainda que com recorrentes anúncios nos veículos da capital e credores em seu consultório privado, seria, sem dúvidas, sua inserção profissional mais diretamente na esfera pública que notabilizara suas práticas médicas. Atuando como médico da Santa Casa de Vitória, bem como, por conta de seu cargo de Provedor de Higiene Pública (a partir de 1886)³, acabaria sendo chamado diversas vezes para regiões interioranas, fosse para remediar vagas epidêmicas, a exemplo da febre amarela e da varíola, que grassaram na província do Espírito Santo em diferentes momentos, fosse para promover vacinações,

³ Com o advento da República o cargo seria renomeado para Inspetor de Higiene. Contudo, a despeito da mudança de regime político, o dr. Mendo permanecera no cargo até o momento de seu falecimento, o que acusa, uma vez mais, seu prestígio político no contexto local.

dentre outras curas. Com esse tipo de prática o dr. Mendo iria angariando o respeito e a admiração dos capixabas, tendo suas ações recorrentemente narradas pela imprensa, em geral, em tom laudatório.

Num primeiro momento, foi contratado para atuar nos serviços de combate a surtos epidêmicos de algumas doenças como febre amarela, varíola, tifo que volta e meia afligiam a população de diversas localidades provinciais.⁴ Em 1883, teria ido Mendo a Benevente (atual Anchieta) para socorrer a população local em razão de um surto epidêmico de febre amarela, o que levou à manifestação de apreço assinado por um “grande número de pessoas importantes” daquela vila, conforme noticiou *A Província do Espírito Santo* (15 mar. 1883, f. 1). Aproximados dois anos depois, no mesmo veículo a população local publicara uma nota de agradecimento pelos serviços prestados pelo médico sublinhando “a dedicação e perícia do conhecido clínico” (*A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO*, 20 mar. 1885, f. 3). Outra notícia sobre sua atuação no enfrentamento de surtos epidêmicos ocorreu na ex-colônia de Santa Leopoldina, em 1886, conforme noticiado pelo jornal *A Província do Espírito Santo* (10 fev. 1886, f. 2). O periódico informava que, atendendo ao clamor da população, Ernesto Mendo teria sido enviado com uma ambulância em razão do aparecimento da epidemia de varíola. Nesse mesmo ano, foi noticiado que a epidemia de varíola não prosperou no local graças à sua intervenção (*A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO*, 19 mai. 1886, f. 3).

Na Capital, atuando como médico da Santa Casa e da Câmara, Mendo exercia múltiplas funções, fazendo exames de corpo de delito, autópsias, cirurgias, partos, consultas aos desvalidos, curativos e vacinações. Essas suas ações foram responsáveis, igualmente por multiplicarem nos jornais locais agradecimentos, que faziam alusões às suas qualidades clínicas, assim como a seu espírito de colaborar e ajudar a população, forjando sua fama de “médico dos pobres”. Conforme podemos observar em uma publicação a pedido feita por José da Fraga Loureiro:

O abaixo assinado, por si e sua mulher, vem por meio da imprensa agradecer ao distinto médico Ernesto Mendo de Andrade e Oliveira, a dedicação desinteressada e o desvelo que empregou no tratamento de sua filhinha Florisbella, em seguimento à operação que sofreu em uma perna, na qual mais uma vez aquele Dr. Demonstrou invejável perícia auxiliado pelo não menos distinto médico Dr. Azambuja Meirelles e nosso bom amigo, Manoel das Neves Xavier Júnior, Francisco José da Costa Júnior, Manoel Francisco da Costa Bastos, a quem somos

⁴ Para abordagens mais detidas acerca das epidemias na província do Espírito Santo no curso do século XIX, conferir Franco (2015, 2016), Nogueira (2016), Franco e Nogueira (2019).

extremamente gratos. (A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO, 6 jul. 1882, f. 4).

Nesse sentido, frisamos a ênfase em sua destreza como “operador” – que, como já fizemos menção, era justamente a especialidade destacada nos anúncios de sua clínica particular – e a sua ligação com o Hospital da Misericórdia, sem contar com as notícias de operações (em geral, para amputações de braços e pernas) realizadas quando de suas visitas a regiões interioranas da Província.

De fato, muitas das cirurgias efetuadas por Mendo literalmente viraram notícias de jornal. Assim, para ficarmos apenas com alguns exemplos desses eventos, no dia 25 de julho de 1885, *A Província do Espírito Santo* narrou a realização de três operações no hospital da Santa Casa, todas amputações de membros, frisando o sucesso das intervenções: “os operados foram chloroformizados e o trabalho ocorreu em todos sem incidentes” (A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO, 25 jul. 1885, f. 4). Aproximadamente dois anos antes, o mesmo veículo noticiou, nesses termos, outra cirurgia realizada pelo médico na Santa Casa:



Operação cirúrgica: O dr. Ernesto Mendo, médico da Santa Casa de Misericórdia, praticou ontem a operação de uma fistula reto-perineal em um doente d'aquele hospital [...]

A operação foi feita com esmagador de Charsaignac [Chassaignac] e correu perfeitamente, achando-se o doente, que foi previamente chloroformizado, em boas condições. (A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO, 25 set. 1883, f. 3).

Fora da Capital, nos núcleos coloniais, para além dos cuidados nos momentos de epidemias também foram relatadas a realização de intervenções cirúrgicas, na busca de minorar o sofrimento destes novos habitantes provinciais. Em 1874, foi nomeado médico da Colônia de Santa Leopoldina (O ESPÍRITO SANTENSE, 4 jun. 1874, f. 3), onde efetuou a “extirpação de um quisto seroso do ângulo externo da órbita esquerda de uma colona”, no dia 28 de outubro de 1874; ou a “Extração de um cancroide do lábio inferior de um colono”, valendo-se, novamente, da cloroformização do paciente; ou ainda, “desarticulação mediotarçiano (de Chopart) no pé direito de um colono que sofreu esmagamento”, no dia 8 de novembro do mesmo ano (O ESPÍRITO SANTENSE, 14 nov. 1874, f. 4). Praticou, também, “a amputação da coxa esquerda acima do terço superior pelo método circular processo de Desault, de mais um doente da enfermaria da colônia. Uma fratura complicada deu lugar a necessidade desse recurso que não pode ser evitado (O ESPÍRITO SANTENSE, 9 mar. 1876, f. 2), ou ainda, quando operou a menor Almerinda,

amputando sua perna esquerda, no terço inferior, adotando o Método de Lenois (O ESPÍRITO SANTENSE, 24 ago. 1884, f. 2).

Assim, notamos nas notícias dos veículos de imprensa de Vitória a vontade de sublinhar a vanguarda médica do dr. Mendo como “operador”, realidade que, acreditamos, compunha um elemento importante na construção de sua imagem (e autoimagem, decerto) e prestígio como médico competente e atualizado. Nesta perspectiva se encaixa a lembrança dos pacientes “cloroformizados”. Como é sabido, o clorofórmio – juntamente com o éter – passam por volta de 1830 a serem usados como anestésicos para os mais diferentes tipos de intervenções, a exemplo da extirpação de tumores, amputações, extrações dentárias, partos. O ano de 1846 é considerado o momento da primeira intervenção cirúrgica com anestesia geral, realizada nos Estados Unidos por meio de inalação de éter com um aparelho desenvolvido por um dentista de nome Thomas Morton, sendo a técnica utilizada pela primeira vez no Brasil já no ano seguinte, no Hospital Militar do Rio de Janeiro, pelo dr. Haddock Lobo. Sendo o éter logo substituído como anestésico pelo clorofórmio. Aliás, no Brasil a Guerra do Paraguai (1865-1870) configurou-se como verdadeiro “laboratório” para o uso de anestésicos, antissépticos e práticas cirúrgicas que envolviam amputações, sendo tais novidades, ao que parece incorporadas paulatinamente na formação e ação dos médicos em sua atuação em hospitais como a Santa Casa (CARNEIRO, 2005, p. 154-155; REZENDE, 2009; SILVA, 2016, p. 216-225).

Resumindo, ao se mostrar a par da manipulação dos anestésicos em suas intervenções cirúrgicas na província do Espírito Santo na década de 1870, o dr. Mendo se notabilizava como um médico atualizado. No mesmo compasso, foram mencionadas técnicas cirúrgicas que envolviam, como dito, fundamentalmente, amputações e o recurso a instrumentos, a exemplo do esmagador de Chassaignac, destacado médico francês que viveu entre 1804 e 1879 e que, para além de instrumentos cirúrgicos, desenvolvera técnicas de drenagem – especialmente de abscessos – em suas intervenções.

Sem contar, para parafrasearmos a frase irônica de Bynum (2008, p. 62), como anatomoclínico que se preze, o dr. Mendo também parecia transitar com desenvoltura da cabeceira do enfermo ao necrotério. Daí, as inúmeras realizações de autópsias (algumas requeridas pela autoridade policial), que foram igualmente noticiadas nos veículos da capital. Tais ações, no contexto estudado, para além do melhor treino e aproximação entre a cirurgia e a medicina, conferiam aos médicos a possibilidade de confirmar as “lesões anatômicas” encontradas em seus pacientes, ainda em vida, com os estágios mais

avançados das enfermidades daqueles que não resistiam. Caso paradigmático dessa percepção e manipulação dos corpos enfermos pode ser lido na notícia a seguir:

Autopsia: O dr. Ernesto Mendo, médico do hospital da misericórdia, praticou ali ontem autopsia no cadáver do galé Marcelino, *a fim de verificar a certeza do seu anterior diagnóstico.*

Do exame resultou o reconhecimento d'uma ulceração cancrosa na região cárdia do estômago, por aquele facultativo presumida. (A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO SANTO, 25 set. 1883, f. 2. *grifos nossos*).

Há que se destacar a forte influência que a medicina clínica francesa⁵, em suas diferentes e nem sempre pacíficas vertentes e teorias – ou, para preferirmos um termo de época, “sistemas médicos” –, exerciam na formação das recém-criadas faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro, pelo menos até a conhecida “Reforma Saboia”, de 1882. Configurando-se, em consonância com Fleck (2010[1935]), um “estilo de pensamento” moldado por traduções e resumos de manuais médicos, a exemplo da nosologia de P. Pinel (publicada em 1798), por lentes das faculdades formados à francesa, pelas discussões e controvérsias candentes no Velho Mundo e que eram reproduzidas (e, por vezes, modificadas) nas teses médicas dos “facultativos” do nosso império nos trópicos, a exemplo das conhecidas tensões entre o *Ecletismo* e Broussais e seus seguidores, que, em linhas gerais, defendiam um sistema médico fisiológico calcado na ocorrência de “irritações” que acometiam, sobretudo, o aparelho digestivo. Ou seja, se configuravam como “gastroenterites” como explicação para a ocorrência e “sede” (para também nos fazermos de um termo coevo) de um sem número de enfermidades (FERREIRA, 1994; KURY, 1990, p. 83; EDLER, PIRES-ALVES, 2018, p. 108-117). Aliás, tiveram um papel crucial nas explicações e ações engendradas pelo dr. Mendo em suas diferentes frentes de atuação no âmbito da saúde pública na Província do Espírito Santo, além de serem devidamente acionadas e lembradas para a afirmação de seus saberes médicos e na forma com que diagnosticava as múltiplas doenças que acometiam seus pacientes.⁶

Realidade igualmente observável em sua prática cirúrgica, ao ser sublinhada, por exemplo, como citado no documento acima, a utilização da técnica do cirurgião francês

⁵ Desse modo, Ferreira bem sintetiza essa guinada na formação/atuação dos médicos: “a clínica definiu o novo *modus operandi* da medicina, estabelecendo três princípios basilares: a) reconhecer no indivíduo determinada doença mediante a observação e descrição minuciosa dos sintomas e signos; b) distinguir no cadáver uma patologia específica mediante a observação da alteração dos tecidos e órgãos internos; e c) combater a doença com terapêuticas racionais e comprovadamente eficazes” (FERREIRA, 1994, p. 59).

⁶ Para uma interpretação de como o dr. Mendo “enquadrava” as doenças (no sentido de Rosenberg, 1992) de seus pacientes a partir de seu caderno de anotações denominado “clínica dos pobres”, conferir Franco, Nogueira e Scolforo (no prelo).

Pierre-Joseph Desault (1738-1795), que para além de ter sido professor de Bichat contribuiu, no contexto francês, consideravelmente para a “elevação” da cirurgia no campo da medicina, desenvolvendo avanços e novas técnicas nos cuidados com fraturas e realização de amputações. Do mesmo modo, encontramos referências ao método do também cirurgião francês François Chopart (1743-1795), responsável pelo desenvolvimento de técnicas de amputação parcial dos pés (antepé) que permitia a melhor sustentação do peso do corpo, bem como diminuía o risco e infecções e complicações do paciente após a amputação (PORTER, 1996, p. 221; HOLLINGHAM, 2011).

[...] Noticiou O Espírito-Santense o fato dando, porém, à notícia um título que eram um atestado, o mais solene da supina ignorância de seu autor [...]

O Sr. Jaccoud, em seu dicionário, deve realmente dizer que a anatomia estuda a alteração dos tecidos e dos órgãos; mas o que, com certeza, ele poderia ter dito é que uma simples abertura de um dos órgãos de um cadáver, para examinar tal ou tal alteração, fosse o objeto da Anatomia Patológica [...]

O meu colega, o Sr. Dr. Ernesto, limitando-se a abrir o estômago do cadáver em questão, procedeu a uma simples necrópsia, e outro não era o seu fim [...] *Logo não fez o dr. Ernesto aquilo que anunciaram com o seu consentimento*

Quero crer, que o Sr. Dr. Ernesto, por distração deixasse sair eivada de erros a notícia referida; e se não, apelo para S.S para que venha dizer o que pensa a esse respeito [...]

Se S.S fez aquele estudo, deve estar habilitado a vir dizer aos seus colegas, não esquecendo a mais insignificante alteração, que, por ventura tenha notado.

Não, não o fará, estou certo, porque seu exame consistiu em um trabalho muito simples, sem importância alguma intrínseca; e para o qual está habilitado qualquer estudante de medicina [...]. (O HORIZONTE, 4 out. 1883, f. 2).

Dessa forma um tanto desafiadora e desrespeitosa o dr. Paulo de Freitas criticara mais uma notícia em tom laudatório de uma das dissecações realizadas pelo dr. Mendo no hospital da Santa Casa. Ainda que tenha centrado fogo em suas críticas aos erros de redação e conceitos médicos cometidos pelo “noticiarista” que, em seu julgamento, teria exagerado na importância da ação e da validade científica do feito de Ernesto Mendo, o dr. Freitas, por tabela, aproveita para responsabilizar seu oponente por ter deixado a notícia hiperbólica passar...

...Três dias depois, a resposta:

Dicc da Academia Francesa.

O estudo que faz o médico das alterações sobrevindas no corpo humano, em seus órgãos e tecidos chama-se anatomopatológico. Ele e que nos diz quais são as partes componentes dos órgãos que são atacados, quais as transformações da forma, do volume, da consistência, da composição a que eles chegam, etc. Jaccoud, o mesmo vol. Pág. 190 e191 [...]

Ora, um médico que abrindo um cadáver, isto é praticando uma autópsia na cavidade abdominal, procurou um órgão determinado e, que pelos sintomas observados no curso da moléstia, era o que se achava em estado mórbido, cuja enfermidade produziu a morte; além de reconhecer o diagnóstico previamente feito analisou com a possível atenção e estudo a parte componente do órgão que se achava atacada, alteração da forma, do volume, da consistência, da composição do mesmo, não tem feito um estudo anatomopatológico?

[...] Ao dr. Paulo de Freiras, somente com relação aos insultos que nos dirigiu:

A Ciência não se forma em charlatanismo, os conhecimentos médicos só se adquirem por uma longa prática e desejo ardente de bem servir a humanidade, acompanhando os progressos da ciência. *O moço ainda que dotado e como presume de ilustração e talento, poderá a vir ser um bom médico, presentemente, porém não pode fazer jus a esse título, porque não basta ter ilustração provada, é preciso mão acreditada, o que só se consegue por seguidos atestados de casos, em que se tenha revelado grande soma de conhecimentos.* (O ESPÍRITO SANTENSE, 7 out. 1883, f. 4 – *grifos nossos*).



Como é possível perceber, ambos se valem do mesmo rol de autores – Jaccoud, Litré e Robin – como argumento de autoridade para refutar ou justificar se, de fato, a disseção realizada poderia ser devidamente qualificada como um “estudo anatomopatológico”. Assim, uma vez mais deparamo-nos com a onipresença da clínica francesa e seus autores, termos e procedimentos, a exemplo da lembrança do uso do microscópio pelo dr. Mendo em outro momento de sua resposta, para emoldurar a contenta e confirmar sua importância na formação médica no Brasil em parte avançada do oitocentos.

Entretanto, queríamos chamar atenção de outro aspecto que nos parece mais pertinente a esse artigo: a maneira com que o dr. Mendo manobra seu *status* e visibilidade social como renomado médico para se impor. Nesse sentido, lembra ao seu oponente que para além de “ilustração e talento” – embora tais igualmente sejam colocados em questão em outra altura de sua resposta ao narrar um “lapso” de formação de Freitas em uma conferência –, o dr. Freitas só poderia “fazer jus” ao predicado de “bom médico” quando

tivesse a “mão acertada” por vasta experiência de casos e, esperava-se, o devido reconhecimento público de seus pacientes.

Nesse sentido, consideramos bastante provável presumir que a opinião pública de Vitória tenha tomado partido na contenda em favor do dr. Mendo, tendo em vista o apreço, os cargos e os títulos amealhados no curso de sua trajetória médica na capital capixaba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Operador”, “médico dos pobres”, possuidor de “dedicação desinteressada e desvelo”, “benemérito da pobreza”, médico de “talento e tino” ... São alguns dos lisonjeiros adjetivos atribuídos ao dr. Mendo durante seus aproximados 25 anos de atuação médica na província do Espírito Santo. Tal imagem fora construída por sua inserção em diversos setores da vida capixaba, atuando como docente, participante de “ligas” contra a escravidão, clubes literários, membro em irmandades religiosas ligadas à elite local, sem contar com um sem número de cargos políticos.

Mas, sua imagem mais recorrente é a de médico dedicado e atualizado. Assim, exerceu ampla ação sobre os corpos e os espaços públicos e privados, seja em sua clínica particular, seja na Santa Casa, seja fiscalizando e embargando atividades comerciais na zona portuária. Suas ações, como inspetor da saúde, fizeram com que o dr. Mendo zanzasse pelo interior da Província para combater as temidas epidemias de febre amarela e varíola, aproveitando também para tratar das doenças endêmicas da região e realizar operações, inclusive nas recém edificadas colônias de imigrantes europeus que chegavam à Província, sem contar que também em tais áreas interioranas aproveitava para realizar vacinações, que eram propagandeadas nos classificadores dos jornais, especialmente na capital. Aliás, seu cargo de diretor da Saúde/Higiene Pública se manteve intocável quando do fim do Império e do advento da República, a dar mostras de seu prestígio e visibilidade na Província e da força das suas alianças com a política local.

De seus feitos médicos, notamos uma ênfase em especial em sua destreza como “operador”. As intervenções eram noticiadas com frequência, sendo em geral sublinhadas sua destreza e experiência com uma novidade da cirurgia naquele momento: a anestesia. Além disso, é possível notar também na documentação interpretada, em especial, quando de sua contenta com o dr. Freitas, que os leitores dos periódicos capixabas puderam acompanhar em todos os detalhes, a forte presença da clínica francesa (em suas diversas

vertentes) e o discurso e ações higienistas nos discursos e práticas médicas do Brasil imperial nas últimas décadas do oitocentos

Enfim, acreditamos que o estudo de caso desse médico “capixaba” contribua para compor mais uma peça das ações – nem sempre gloriosas e bem-sucedidas – de afirmação dos discursos e práticas médicas em vias de afirmação e institucionalização no Brasil do século XIX, fora dos circuitos mais sistematicamente estudados da corte imperial, indo ao encontro de outros trabalhos que deram conta das terapêuticas, saberes e afirmação de prestígio e lugares sociais império tropical afora, como é possível ver a partir da leitura de Figueiredo (2002), Magalhães (2016), dentre outros. Deixando aqui, quase na forma de um convite, a instigante possibilidade de pesquisas das ações e trajetórias desses médicos em outras províncias oitocentistas.

REFERÊNCIAS

FONTES IMPRESSAS

- A *Folha da Victória*, 5 de outubro de 1884.
A *Província do Espírito Santo*, 03 de maio de 1879.
A *Província do Espírito Santo*, 10 de fevereiro de 1886.
A *Província do Espírito Santo*, 10 de julho de 1887
A *Província do Espírito Santo*, 15 de março de 1883.
A *Província do Espírito Santo*, 19 de maio de 1886.
A *Província do Espírito Santo*, 19 de outubro de 1884
A *Província do Espírito Santo*, 20 de março de 1885.
A *Província do Espírito Santo*, 25 de julho de 1885
A *Província do Espírito Santo*, 25 de setembro de 1883
A *Província do Espírito Santo*, 27 de maio de 1887
A *Província do Espírito Santo*, 29 de maio de 1887
A *Província do Espírito Santo*, 4 de março 1884.
A *Província do Espírito Santo*, 5 de janeiro de 1884.
A *Província do Espírito Santo*, 5 de novembro de 1884.
A *Província do Espírito Santo*, 6 de julho de 1882.
A *Província do Espírito Santo*, 9 de novembro de 1883.
O *Espírito Santense*, 07 de novembro de 1876.
O *Espírito Santense*, 07 de outubro de 1883

- O Espírito Santense**, 08 de fevereiro de 1876.
- O Espírito Santense**, 09 de março de 1876.
- O Espírito Santense**, 14 de novembro de 1885.
- O Espírito Santense**, 22 de maio de 1878.
- O Espírito Santense**, 24 de agosto de 1884.
- O Espírito Santense**, 25 de maio de 1871.
- O Espírito Santense**, 4 de junho de 1874.
- O Horizonte**, 4 de outubro de 1883.
- Comercio do Espírito Santo**, 23 de janeiro de 1895.
- Estado do Espírito Santo**, 3 de janeiro de 1895.

BIBLIOGRAFIA

- BYNUM, William. **História da Medicina**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.
- CARNEIRO, Henrique. **Pequena enciclopédia de drogas e bebidas no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COELHO, Edmundo Campos. **As profissões imperiais: medicina, advocacia e engenharia no Rio de Janeiro (1822-1930)**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- EDLER, Flávio C. **Ensino e profissão médica na corte de Pedro II**. Santo André: Universidade do ABC, 2014.
- EDLER, Flávio C. **Medicina no Brasil imperial: clima, parasitas e patologia tropical**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.
- EDLER, Flávio Coelho; PIRES-ALVES, Fernando Antônio. A Educação médica: do aprendiz ao especialista. In: TEIXEIRA, Luís Antônio; PIMENTA, Tânia Salgado; HOCHMAN, Gilberto. **História da Saúde no Brasil**. São Paulo: Hucitec Editora, 2018. p. 125-165.
- FERREIRA, L. O. João Vicente Torres Homem: descrição da carreira médica no século XIX. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**. v. 4, p. 58-77, 1994.
- FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos. In: CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO SOBRINHO, Carlos R. (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 101-122.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curadores no século XIX em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.
- FLECK, Ludwick. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010 [1935].
- FRANCO, Sebastião Pimentel. **O terrívelíssimo mal do Oriente: o cólera na província do Espírito Santo (1855-1856)**. Vitória: Edufes, 2015.

- FRANCO, Sebastião Pimentel; NOGUEIRA, André Luis Lima. Entre práticas e curas: as polivalentes formas de se enfrentar a epidemia de cólera no Espírito Santo. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André (Orgs.). **No rastro das províncias: as epidemias no Brasil oitocentista**. Vitória/ES: Edufes, 2019. p. 147-172.
- HOLLINGHAM, Richard. **Sangue e entranhas: a assustadora história da cirurgia**. São Paulo: Geração Editorial, 2011.
- KURY, Lorelai. Brillhante. **O império dos miasmas: a Academia Imperial de Medicina (1830-1850)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.
- MAGALHÃES, Sônia Maria de. Combate das febres em Goiás: as recomendações do dr. Netto Carneiro no oitocentos In: FRANCO, Sebastião P. et al. **Uma História Brasileira das Doenças** Vol. VI. BH: Fino Traço, 2016. p. 277-294.
- MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 88-118.
- MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-68.
- MOREL, Marco. Pátrias polissêmicas: República das Letras, imprensa na crise do Império português na América In: KURY, Lorelai. **Iluminismo e império no Brasil: O Patriota (1813-1814)**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2007. p. 45-65.
- NOGUEIRA, André. O cólera no Espírito Santo pela lente do Correio da Vitória (1855-1856) ou quando as epidemias viram notícia In: FRANCO, Sebastião P. et al. **Uma História Brasileira das Doenças** Vol. VI. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 223-245.
- PIMENTA, Tânia. S. Doses infinitesimais contra a epidemia de cólera no Rio de Janeiro em 1855. In: NASCIMENTO, D. R. & CARVALHO, D. M. (Orgs.). **Uma história brasileira das doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004. p. 31-51.
- PORTER, Roy. **The Cambridge illustrated history of medicine**. Cambridge: Cambridge University Press 1996.
- REZENDE, Joffre Marcondes de. Breve história da anestesia geral. In: REZENDE, Joffre Marcondes de. **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina** [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. p. 103-109.
- ROSENBERG, Charles. "Framing disease: Illness, society and history". In: ROSENBERG, Charles. **Explaining epidemics and others studies in the history of medicine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. XIII – XXVI.
- ROSEWEIN, Barbara H. **História das emoções: problemas e métodos**. São Paulo: Letra e Voz Editora, 2011.
- SAMPAIO, Gabriela. **Nas Trincheiras da Cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2001.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do imperador: dom Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVA, Carlos Leonardo Bahiense da. Lancetas e bisturis em movimento: cirurgia na Guerra do Paraguai (1864-1870). In: PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio. **Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016. p. 209-228.

WEISZ, George. The Emergence of Medical Specialization in the Nineteenth Century. **Bulletin of the History of Medicine**, v. 77, n. 3, p. 536-574, Fall 2003.

XAVIER, Regina. Dos males e suas curas: práticas médicas na Campinas oitocentista In: CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO Sobrinho, Carlos R. (Org.). **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 05/04/2021 PARECER DADO EM: 07/06/2021